

O SER E SUAS ULTERIORES DETERMINAÇÕES

Carlos Cirne Lima*

Resumo: Fichte e Hegel pressupõem que o conceito inicial do sistema – e Eu e o Ser – contém dentro em si suas determinações ulteriores. Por isso todo o sistema poderia ser deduzido a partir do primeiro princípio. Esta tese, entretanto, é bem mais antiga e foi defendida, pelo menos quanto às primeiras determinações, por Cajetanus e Suarez. Uma tal dedução é possível? A resposta é Sim e Não, dependendo do que se entenda por dedução.

Palavras-chave: Ser, nada, sistema, dedução.

Abstract: Both Fichte and Hegel presuppose that the initial concept of the system- the Self and the Being- contains within itself its ulterior determinations. This is the reason why the whole system can be deduced from that first principle. The thesis is, in fact, much older and was proposed by Cajetan and Suarez, at least for the first determinations. Is such a deduction possible? The answer is Yes and No, depending on what we understand by deduction.

Key- words: Being, nothingness, system, deduction.

* Departamento de Filosofia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Artigo submetido para avaliação no dia 30/04/2007 com parecer favorável para publicação no dia 04/07/2007.

A maior e mais grave objeção levantada – por enquanto — contra as idéias por mim propostas no livro *Depois de Hegel* ¹ refere-se à derivação mediante dedução estrita de todas as categorias da Lógica a partir do Puro Pensar, algo que recuso expressamente várias vezes. Hegel afirma que todas as categorias da Lógica podem e devem ser deduzidas do Puro Pensar (*reines Denken*)². Assim, ao introduzir em cada categoria “postulados do sistema”³, eu estaria fugindo daquilo que seria o núcleo duro do sistema hegeliano: a dedução a partir do Puro Pensar de todas as ulteriores determinações do ser. Estou, neste ponto, interpretando ou corrigindo Hegel? As considerações que seguem procuram esclarecer este ponto, traçando um paralelo entre a questão que surge em Fichte e Hegel e as querelas escolásticas havidas entre os comentadores de Tomás de Aquino, o Cardeal Cajetanus, que liderou neste tema a filosofia dos dominicanos, e Francisco Suarez, que pôs em linha os jesuítas. Por estranho que possa parecer, trata-se tanto em Fichte e Hegel, como em Cajetanus e Suarez da mesmíssima questão. E a resposta é simultaneamente, embora sob aspectos diversos, um sim e um não.

1. *Fichte e Hegel*

O projeto de Filosofia que norteou todos os esforços filosóficos de Fichte, Schelling e Hegel encontra-se traçado com linhas claras e fortes no livreto de Fichte intitulado *Sobre o conceito da Doutrina da Ciência ou da assim chamada Filosofia (1794, 1802)* ⁴. Sabemos todos que o termo “Doutrina da Ciência” não esconde nenhuma entidade ou ciência desconhecida, pois significa simplesmente aquilo que a tradição chama de Metafísica, ou, se quiserem, de Filosofia Geral. Ao defender a posição nacionalista de que a Filosofia deveria abandonar o Latim e passar a ser lecionada e escrita na língua do país, no caso em Alemão, Fichte se sente na obrigação de evitar a palavra “Metafísica” e introduz o termo “Doutrina de Ciência”.

Nos vários textos *Sobre a Doutrina da Ciência* (1794, 1795, 1997, 1801, 1804, 1813) Fichte elabora e expõe o projeto de Filosofia que será determinante para os esforços sistemáticos de Schelling e Hegel e – apesar

¹ C. CIRNE-LIMA. *Depois de Hegel. Uma reconstrução crítica do sistema neoplatônico*. EDUCS : Caxias do Sul, 2006.

² G.W.F. HEGEL. *Werke in zwanzig Bänden*. Edit. E. MOLDENHAUER / K. M. MICHEL, Suhrkamp: Frankfurt am Main, 1983, vol 5, 67. Cf. *ibidem*: *Logisch ist der Anfang, indem es im Element des frei für sich seienden Denkens, im reinen Wissen gemacht werden soll*.

³ Cf. p.ex. *Depois de Hegel*, 25, 28, 44 etc.

⁴ I.H. FICHTE. *Fichtes Werke*. De Gruyter: Berlin, 1971, vol. 1, .27-81.

de Nietzsche e dos pós-modernos – também para os de alguns poucos filósofos contemporâneos, entre os quais eu me incluo.

Fichte começa afirmando, com o que todos concordam, que a Filosofia é uma ciência. Como ciência ela se compõe de múltiplas sentenças articuladas por um princípio de ordem, de maneira que a verdade de uma sentença provenha da sentença que a antecede cientificamente. A verdade da segunda, terceira e posteriores sentenças são legitimadas e garantidas pela primeira sentença, ou seja, aquela que sistematicamente antecede todas as outras e da qual todas as outras provêm. Essa derivação da segunda sentença a partir da primeira chama-se dedução. É a verdade da primeira sentença que fundamenta e garante a verdade das sentenças que dela forem deduzidas. O método por excelência da ciência é, pois, o método dedutivo, como já os gregos o praticavam na geometria. Tanto a forma como o conteúdo de uma ciência depende, portanto, de um ou de alguns poucos axiomas que são verdadeiros e dos quais se deduzem todas as outras sentenças daquela ciência.

A Filosofia, sendo ciência, deve ter a mesma estrutura⁵. Surgem, assim, as perguntas: Qual é o primeiro ou quais são os primeiros princípios? Como, a partir deles, deduzimos todas as sentenças filosoficamente verdadeiras? De acordo com esta concepção de Filosofia defendida por Fichte, toda e qualquer proposição filosoficamente verdadeira pode e deve ser deduzida de alguns poucos primeiros princípios.

Sabemos que Fichte, incansável, várias vezes tentou deduzir toda a Filosofia a partir de seus três primeiros princípios (o Eu, o Não-Eu, o Eu quantitativo); as tentativas de elaborar uma *Doutrina da Ciência*, todas elas, fracassaram. Fichte com seu admirável espírito crítico percebia que havia um erro na dedução por ele elaborada e deixava o trabalho inconcluso. É por isso que nós, quando queremos citar alguma passagem da *Doutrina da Ciência*, sempre temos que acrescentar o ano: *Doutrina da Ciência de 1794* ou *1804* etc. Fichte morreu sem ter conseguido escrever uma *Doutrina da Ciência* que satisfizesse às rigorosas exigências de dedução que ele mesmo havia formulado em seu projeto de Filosofia.

Schelling e Hegel assumem o projeto de Filosofia elaborado por Fichte e pretendem, assim, a partir de um princípio ou de alguns poucos princípios, mediante dedução, elaborar toda a Filosofia. Assim trabalha Schelling sua *Filosofia da Identidade*, assim articula Hegel tanto a *Fenomenologia do Espírito* como a *Ciência da Lógica*:

O conceito da ciência pura e sua dedução, neste estudo, é apenas pressuposto, pois a *Fenomenologia do Espírito* não é outra coisa senão a dedução do mesmo (conceito).

⁵ C. CIRNE-LIMA. *Depois de Hegel*, cf. 11-16.

Der Begriff der reinen Wissenschaft und seine Deduktion wird in der gegenwärtigen Abhandlung als insofern vorausgesetzt, als die Phänomenologie des Geistes nichts anderes als die Deduktion desselben ist ⁶.

Essa dedução, agora na *Ciência da Lógica*, deve ter um primeiro princípio, a partir do qual tudo o mais possa ser deduzido. No primeiro livro da *Ciência da Lógica*, na *Lógica do Ser*, há um capítulo sem número com o título *Com o que se deve fazer o começo da Ciência?*⁷ Neste capítulo, Hegel seguindo as exigências críticas de Descartes e do próprio Fichte, afirma que o começo da Filosofia, para que esta seja crítica, só pode ser o puro pensar. Só assim, deixamos de fazer pressupostos e saímos do dogmatismo em que incidem quase todos os sistemas filosóficos. Ora, o puro pensar, para que seja realmente puro, é a unidade imediata do pensar. O puro pensar enquanto puro só pensa a si próprio, isto é, destituído de toda e qualquer determinação ulterior. Um tal puro pensar, entretanto, exatamente por ser pensar, precisa pensar algo. Este algo, entretanto, para não poluir a pureza do pensar, não pode ter, por igual, nenhuma determinação. Ora o puro pensar, para permanecer puro e não obstante pensar, só pode ter como objeto o puro Ser vazio de todo e qualquer conteúdo. Assim, o começo da Ciência pelo pensar, começa com o puro Ser, vazio de todo e qualquer conteúdo, sem nenhuma determinação que o determine ulteriormente. Ao pressupor o puro Pensar e o puro Ser não estamos fazendo nenhuma pressuposição determinada, pois Pensar e Ser não tem conteúdo nenhum. Se tivessem algum conteúdo, teriam alguma determinação, e nós estaríamos a fazer um pressuposto determinado; ou seja, teríamos caído no dogmatismo. Mas quem pressupõe apenas o puro Ser, vazio, sem nenhum conteúdo e sem nenhuma determinação, não está pressupondo nada. Melhor: nada de determinado. Este puro Nada, sem nenhum conteúdo, sem nenhuma determinação que o diferencie ulteriormente, diz apenas aquilo que o puro Ser também diz: o indeterminado vazio. Este é, segundo Hegel, o começo da Filosofia como ciência crítica.

E aqui surge o problema que é o tema deste trabalho: De onde vêm as outras determinações que vão diferenciar ulteriormente o puro Ser e o puro Nada, que vão diferenciar o Ser e o Nada e elaborar as ulteriores categorias do sistema? De onde vêm? De dentro do puro Ser? Ou de fora? Mas fora do puro Ser não há nada, exceto naturalmente o puro Nada, o qual, como vimos, é tão vazio de conteúdo e determinação como o puro Ser. De onde vêm, então, as ulteriores determinações?

Fichte tenta resolver o problema nos moldes do idealismo subjetivo. O Eu, escreve ele, ao pôr (*setzen*) um A qualquer, está sempre se pondo a si mesmo. Ora, que o Eu, ao pensar, sempre pressuponha o Eu não significa

⁶ HEGEL, op. cit. *Logik*, vol. 5, 43

⁷ HEGEL, op. cit. *Logik*, vol.5, 65-79.

fazer uma pressuposição dogmática, pois o Eu que se põe sempre como o Eu mesmo é transparente a si próprio de forma imediata.⁸ Na seqüência deste raciocínio Fichte introduz o segundo princípio, o Eu põe o Eu como o Não-Eu, bem como o terceiro, o Eu põe o Não-Eu como divisível.⁹ Como se vê no texto citado por último, Fichte mesmo percebe que o sistema não vai adiante e desiste, naquele ano (1808), de continuar.

Hegel tenta abrir um novo caminho para, a partir do puro Ser sem nenhum conteúdo, obter ulteriores categorias de dentro do próprio começo totalmente indeterminado. O puro Ser, mas também o puro Nada são vazios de conteúdo, não contêm nenhuma determinação e, sob este aspecto, são idênticos e não se constituem em pressuposto dogmático do sistema.¹⁰ Mas o Ser e o Nada, por outro lado se opõem e são diferentes, pois o Ser tem como conotação o vir-a-ser, o Nada conota o deixar-de-ser. O puro Ser e o puro Nada são intencional e extensionalmente idênticos, mas possuem conotações opostas, o movimento (*Bewegung*)¹¹. Vir-a-ser é o oposto de deixar-de-ser. Ora, se Ser e Nada são idênticos, por dizerem apenas o indeterminado vazio, e se vir-a-ser e deixar-de-ser são opostos, temos aqui uma oposição de contrariedade que precisa ser conciliada numa unidade. Se Ser e Nada são o mesmo (*sind dasselbe*¹²), então vir-a-ser e deixar-de-ser também têm que ser o mesmo. Como? De que maneira, como, onde vir-a-ser é o mesmo que deixar-de-ser? Hegel responde, aliás com toda razão, no Devir (*Werden*). O Devir consiste exatamente naquilo que vem a ser e que deixa de ser.

Parece que Hegel está nos dando exatamente aquilo que prometeu: deduzir de forma estrita a terceira categoria a partir das duas primeiras. A “dedução” que Hegel faz do Devir é simplesmente brilhante. E, tendo a categoria de Devir, temos também a categoria da Qualidade que devém, bem como da Quantidade pressuposta em todo devir, e também da Medida que une e unifica qualidade e quantidade. Eis as principais categorias da Lógica do Ser deduzidas, ao que parece de maneira estrita, a partir do puro Pensar e do puro Ser, sem nenhuma determinação ou conteúdo.

Fizemos um resumo fácil e didático para preparar o terreno espinhoso que a seguir teremos que percorrer, a saber, a própria exposição feita por Hegel.

Hegel, na Introdução à *Ciência da Lógica*¹³, expõe como se processa a “dedução” das ulteriores categorias do sistema. Este texto, difícil e comple-

⁸ FICHTE, op. cit. Vol. 1, 69-70.

⁹ FICHTE, op. cit. Vol. 1, 91-123.

¹⁰ HEGEL, op. cit. Logik, vol. 5, 82-83.

¹¹ HEGEL, op. cit. Logik, vol. 5, 83.

¹² HEGEL, op.cit. Logik, vol.5, 83.

¹³ HEGEL, op. cit. Logik, vol. 5, 49.

xo, é o *locus classicus* sobre a questão de onde vêm as ulteriores determinações do Ser, que é o primeiro princípio:

A única coisa a fazer, para obter o prosseguimento científico – e para conseguir de maneira essencial a compreensão simples deste – é o conhecimento da sentença lógica, segundo a qual todo negativo também é positivo, e que estes dois opostos contraditórios não se dissolvem em zero, no nada abstrato, mas tão somente na negação determinada, ou ainda que uma tal negação não inclui todas as negações, mas apenas a negação de uma coisa determinada que se dissolve; que, portanto, no resultado está essencialmente contido aquilo de que ele resultou – o que, a rigor, é uma tautologia, pois de outra forma seria um imediato e não um resultado.

Das Einzige, um den wissenschaftlichen Fortgang zu gewinnen – und um dessen ganz einfache Einsicht sich wesentlich zu bemühen ist —, ist die Erkenntnis des logischen Satzes, dass Negative ebensowohl positiv ist oder das sich Widersprechende sich nicht in Null, in das abstrakte Nichts auflöst, sondern wesentlich nur in die Negation seines besonderen Inhalts, oder dass eine solche Negation nicht alle Negationen, sondern die Negation einjrer bestimmten Sache, die sich auflöst, somit bestimmte Negation ist; das also im Resultate wesentlich das enthalten ist, woraus es resultiert, — was eigentlich eine Tautologie ist, denn sond wäre es ein Unmittelbares, nicht ein Resultat.

Façamos a tentativa de explicitar, ponto por ponto, o que Hegel quer dizer com esta frase muito importante, mas pouco didática; como exemplo tomemos a primeira tríade, Ser, Nada e Devir.

1) “A única coisa a fazer, para obter o prosseguimento científico – e para conseguir de maneira essencial a compreensão simples deste – é o conhecimento da sentença lógica”. Trata-se, portanto, da questão básica deste trabalho: posto o primeiro começo ou primeiro princípio, de onde vêm as ulteriores determinações do sistema? O “prosseguimento” (*Fortgang*) de que fala Hegel é exatamente isso: de onde e como vêm as ulteriores determinações (categorias) do sistema. – Temos como começo e como primeira categoria o Ser vazio e sem nenhum conteúdo. Como, a partir deste indeterminado vazio podemos ir adiante? Como “deduzir” a seguinte categoria?

2) “a sentença lógica, segundo a qual todo negativo também é positivo, e que estes dois opostos contraditórios não se dissolvem em zero, no nada abstrato, mas tão somente na negação determinada”. Tomando o Ser como princípio e como primeira categoria do sistema, para “prosseguir” e para “deduzir” a segunda categoria é necessário, primeiro, procurar e pôr a negação da primeira categoria. Ora, a negação de Ser é Nada. Como segundo passo, pois, é preciso compreender que Ser e Nada não se dissolvem no zero, no “nada abstrato”. Sim, Ser e Nada não têm inicialmente nenhum conteúdo determinado, mas ambos se opõem e não se dissolvem num jogo de soma zero. Pois, Ser e Nada,

embora sejam vazios de conteúdo determinado, isto é, embora tenham como conceitos uma intenção e uma extensão universalíssimas – que é o indeterminado vazio —, por um lado são idênticos, por outro, não. Por sua extensão e extensão, os conceitos de Ser e Nada são idênticos e dizem o indeterminado vazio de conteúdos. Se parássemos aqui, o sistema ficaria travado e não haveria nenhum prosseguimento. O Ser e o Nada ficariam escravos dos conceitos de Parmênides.

3) Mas, se entendermos – e isso é uma pressuposição ulterior que vem da experiência interna e externa da consciência – que Ser e Nada estão numa relação dinâmica, tudo muda. De Parmênides passamos a Heráclito. O Ser e o Nada adquirem, então, conotações opostas, sem as quais não se pode falar nem de um nem do outro. Ser é sempre e necessariamente vir-a-ser, Nada é deixar-de-ser. Estamos, neste patamar da argumentação, naquilo que Hegel chama de dois opostos contraditórios, eu chamo de opostos por contrariedade. Estes opostos, afirma Hegel com toda razão, não são um jogo de soma zero, não conduzem ao zero, não levam ao “nada abstrato”. Não é isso.

4) A oposição entre Ser e Nada, entre Vir-a-ser e Deixar-de-ser – que Hegel chama de contradição e que eu denomino de contrariedade – se unem (*Einigung*), se conciliam (*Versöhnung*) e, deixando de ser um par de opostos que se excluem, transformam-se numa unidade que, unindo aquilo que antes era oposto, agora restabelece a unidade. Ora, qual conceito de nossa língua expressa ao mesmo tempo o Vir-a-ser e o Deixar-de-ser? O conceito de Devir. É por isso que a síntese dialética entre Ser e Nada é o Devir, que significa tanto o que vem-a-ser como o que deixa-der-ser. Os aspectos opostos foram superados em sua oposição excludente e conservados naquilo que eles tinham de positivo.

5) O Devir é o resultado (*Resultat*) no qual estão contidos tanto o Ser enquanto Vir-a-ser como o Nada enquanto Deixar-de-ser. O resultado é a unidade daquela oposição que desapareceu enquanto oposição excludente de dois pólos, mas continua como nova unidade, como nova categoria.

Voltemos à nossa questão básica: as ulteriores determinações do primeiro princípio vêm de dentro ou vêm de fora? Vem de fora a sentença lógica segundo a qual tudo que é positivo é também negativo. Esse princípio não está contido, pelo menos não de forma explícita, no jogo do pressupor e do repor; também não está contido nos conceitos do Puro Pensar e do Ser, pois tais conceitos não possuem nenhum conteúdo determinado. Tudo indica, pois, que a sentença lógica e, na seqüência desta, a oposição de dois pólos opostos não vem de dentro do sistema e sim de fora. Para pensar dialeticamente um conceito é preciso compreendê-lo sempre junto com seu oposto; ora, isto certamente não foi demonstrado neste início de sistema. Logo, isso vem de fora.

Mais evidente fica essa exterioridade das ulteriores determinações do Ser, quando falamos do Devir. O Devir, categoria síntese da primeira tríade, é um conceito que une, sim, e concilia o Vir-a-ser e o Deixar-de-ser, mas essa unidade não está demonstrada senão mediante o postulado de que um é o negativo do outro, ou seja, mediante a postulação da sentença dialética. Assim sendo, as duas primeiras determinações ulteriores do Ser, a saber, o Nada e o Devir, vêm de fora, pois só podem entrar no sistema mediante a postulação de um princípio que é externo ao Ser, ou seja, a sentença dialética de que cada positivo é seu negativo.

Mas, se fizermos a pressuposição básica da sentença especulativa, ou seja, de que cada positivo é seu negativo, podemos, com isso, deduzir todas as determinações ulteriores do Ser? Conceitos como qualidade, quantidade, medida, essencial e inessencial, brilho etc. podem ser “deduzidas” do Ser inicial vazio de todo e qualquer conteúdo determinado? A resposta de um lógico ou de um filósofo analítico certamente será negativa. Em se tratando da existência real e efetiva o problema fica ainda mais grave. É possível deduzir a existência como facticidade a partir do conceito vazio e totalmente indeterminado de Ser? Em *Depois de Hegel*, diversas vezes retomo o argumento de Kant e o formulo até como caricatura: Como tirar leite real de uma vaca meramente pensada? — Isso tudo não vem de fora?

Antes de nos bandearmos de bandeiras desfraldadas para as fileiras dos filósofos analíticos, convém, entretanto, dar marcha ré no tempo e examinar a questão, a mesmíssima questão, nas formulações feitas pelo dominicano Thomas Cardinalis Cajetanus e pelo jesuíta Francisco Suarez.

2. Cajetanus e Suarez

A questão que nos interessa é a de saber se as ulteriores determinações do Ser vêm de dentro ou de fora do sistema. Cajetanus e Suarez tratam do assunto no contexto do problema da *analogia entis*. Ambos se reportam, como logo veremos, à doutrina de Tomás de Aquino.

O conceito de ser (*ens*), afirma Tomás, não pode ser predicado no mesmo sentido de Deus e da criatura. O ser de Deus é tão mais perfeito que o ser da criatura que podemos, inicialmente, pensar que se trata de conceitos equívocos, ou seja, com intenções e extensões completamente diferentes; conceitos unívocos eles certamente não podem ser. Mas há alguma alternativa que se situe entre a univocidade e a equivocidade de um conceito? Tomás e os que o seguem dizem que sim, a saber, a analogia. O conceito de ser é predicado de Deus e da criatura, mas não de forma unívoca ou equívoca, e sim de forma análoga. Analogia, no Aquinate, é a predicação

que, em oposição à equivocação e à univocidade, se faz *secundum prius et posterius*¹⁴. O que significa isso? Significa que o conceito análogo é predicado primeiramente e em seu sentido pleno e original de um primeiro sujeito (*prius*); do segundo sujeito (*posterius*) o conceito análogo é predicado somente de forma derivada e incompleta. Assim a saúde é predicada *per prius* do homem, da urina, porém, é predicada *per posterius*. Do homem se predica o conceito de saúde ou de saudável no sentido primeiro, pleno e original; da urina o mesmo conceito é predicado, mas em um sentido derivado e incompleto. A urina é saudável, sim, mas o conceito de saúde aqui não possui mais o sentido pleno e original que tem, quando aplicado ao homem. A urina é saudável porque e enquanto provém de um homem saudável, ela é a expressão da saúde do homem que, ele, sim, possui saúde no sentido original.

A doutrina de Tomás de Aquino sobre a analogia, principalmente porque é aplicável à semelhança e dissemelhança entre Deus e a criatura, entre a substância e o acidente, provoca desde então as mais variadas discussões e interpretações. O que é, então, a *analogia entis*?

O Cardeal Cajetanus distingue três tipos de analogia. A analogia da desigualdade (*analogia inaequalitatis*) é aquela segundo a qual o mesmo conceito é predicado de dois entes, sem que se observe a desigualdade existente entre eles; evidentemente este tipo de analogia, em nosso caso, não cabe. O segundo tipo de analogia, segundo Cajetanus é a *analogia attributionis*, segundo a qual a mesmice do conceito se refere apenas a algo totalmente externo ao ser dos entes aos quais é aplicada a predicação; também esta não se refere à questão de Deus e da criatura. O terceiro tipo de analogia consiste na *analogia proportionalitatis*, segundo a qual ambos os entes possuem qualidades idênticas, mas em proporção diferente:

Ens autem significat ambas quidditates secundum proportionem ad sua esse; et hoc est dicere ut easdem proportionaliter¹⁵

O ente porém significa ambas as qualidades de acordo com sua proporção para seu próprio ser; e isso é dizê-las de modo proporcional.

Cajetanus fala, pois, do Criador e da criatura utilizando o mesmo conceito; ao dizer, por exemplo, que “Deus é bom”, “o ente criado é bom”. Mas a analogia de proporcionalidade compreende o atributo “bom”, quando atribuído a Deus, de acordo com o *esse* de Deus, isto é, como infinito, imutável etc. Quando se predica o conceito de “bom” da criatura, esta predicação

¹⁴ TOMÁS DE AQUINO. *Summa theologica*. (org. R. COSTA e L.A. DE BOND), editora E.S. Teologia S.Lourenço de Brindes, Livraria Editora Sulina, Univ. Caxias do Sul, pars I, q. 13, a. 6. Cf. também os comentários de Tomás à Metafísica e à Ética de Aristóteles.

¹⁵ THOMAS CARDINALIS CAJETANUS. *De nominum analogia*, 4-7, in: *Opuscula omnia*, Olms: Hildesheim, 1955.

é proporcional ao *esse* da criatura: criado, finito, contingente etc. Ou seja, segundo a proporção a seu ser: *proportio ad sua esse*.

De onde vêm as ulteriores determinações do conceito inicial de *ens*? Deus é definido como *ens a se*, a criatura, como *ens ab alio*; a substância é o *ens in se*, o acidente, o *ens in alio*. De onde vêm as determinações ulteriores do *ens*, isto é, as determinações expressas por *a se*, *ab alio*, *in se*, *in alio*? Segundo Cajetanus elas vêm de dentro do próprio conceito de *ens*, no qual todas suas ulteriores determinações estão formal, embora confusamente¹⁶, contidas. Pois, se as diferenças ulteriores não estivessem desde sempre formalmente dentro do conceito inicial de *ens*, elas estariam fora dele, e, estando fora dele, não seriam absolutamente nada, seriam um *non-ens* que não pode determinar nada. A posição, pois, de Cajetanus com respeito a nossa pergunta é clara e forte: todas as determinações ulteriores do *ens* já estão desde sempre *formaliter* (embora apenas confusamente) dentro do próprio conceito de *ens*. E, se elas lá estão, poderão, em princípio, de lá serem deduzidas.

Josephus Gredt, da escola dominicana do Cardeal Cajetanus, é ainda mais claro:

*Ergo ens non contrahitur in inferioribus per formales differentias in conceptu entis actu non inclusas (conceptus univocus ita contrahitur) – ens enim quascumque differentias actu continet —, sed contrahitur per diversos essendi modos, qui sunt conceptus expressiores et clariores eiusdem realitatis significatae per ens. Ita substantia, quantitas etc. repraesentant modo clariore et expressiore illas easdem realitates, quas confuse importat ens.*¹⁷

Por conseguinte, o ente, quanto aos conceitos a ele inferiores, não é ulteriormente determinado por diferenças formais que não estejam inclusas atualmente no conceito de ente (o conceito unívoco se determina ulteriormente assim) – pois o ente contém atualmente toda e qualquer diferença –; (o conceito de ente) se determina ulteriormente pelos modos diversos de ser, os quais são conceitos mais expressos e mais claros da mesma realidade significada pelo (conceito de) ente.

Os textos de Cajetanus e de Gredt são muito claros. As determinações ulteriores do ser, por serem elas mesmas um Ser, estão dentro do próprio conceito de Ser. Se, no entanto, estão atualmente dentro do conceito de Ser, deve ser possível deduzi-las a partir de dentro do Ser. Basta que se elimine a “confusão” de que falam Cajetanus e seus seguidores, para que tenhamos, uma a uma, todas as categorias que determinam o Ser posto como início. Não é exatamente este o programa proposto por Fichte e Hegel?

Às teses dominicanas geralmente se opõem as teses do jesuíta Francisco Suarez, também dos séculos 16-17. Suarez, realmente, nega a analogia por proporcionalidade

¹⁶ Ibidem, 4-7.

¹⁷ J. GREDT. *Elementa Philosophiae Aristotélico-thomisticae*. Herder: Freiburg in B., 1929, 2 vol; vol I, 143.

e defende a analogia por atribuição; neste sentido, assume uma posição bem mais perto do nominalismo que a posição tomista. Esperar-se-ia, a esta altura da exposição, que Suarez defendesse a tese de que as ulteriores determinações do conceito de Ser não estão contidas nele atual e formalmente, mas apenas potencialmente; ou seja, elas viriam formal e atualmente de fora. Há realmente textos em Suarez que apontam para essa direção e muitos seguidores do pensador jesuíta defendem, então, a tese de que o conceito de Ser contém suas diferenças específicas apenas potencialmente. O que significa a exterioridade das determinações com relação ao Ser que determinam.

Quero, entretanto, chamar a atenção para um texto importantíssimo e quase nunca citado de Suarez que afirma exatamente aquilo que Hegel, séculos depois, vai defender: as determinações ulteriores do Ser têm que vir de dentro por força do movimento do próprio conceito. Sugiro que sigamos o magnífico roteiro traçado por W.Kluxen:

Metafisicamente decisiva é apenas a ‘Analogia da atribuição intrínseca’ (attributionis intrinsecae) e é ela que rege o conceito de ente. Que este possa ser predicado de Deus e da criatura, da substância e do acidente, se baseia no fato que o posterior deriva seu ser do anterior; mas como o ser compete ao posterior de maneira interior como algo que é dele mesmo (e não é apenas definido pelo anterior), o nome análogo pode ser predicado dele “com propriedade e de maneira intrínseca” (proprie et intrinsece). Fica claro que um tal conceito está muito perto do conceito unívoco; ele se distingue (do conceito unívoco) porque possui em si a ordem da dedução: “ele a efetiva de dentro de si mesmo (ex vi sua), enquanto o conceito unívoco é indiferente (às suas ulteriores determinações específicas)”¹⁸.

Também Suarez, muito embora se oponha a Cajetanus em outros pontos importantes, afirma que as determinações ulteriores do Ser estão contidas dentro do próprio Ser; ele fala inclusive que há uma dedução das determinações posteriores e que esta dedução não é algo externo, mas algo que o próprio conceito de Ser realiza por suas próprias forças: *ex vi sua*. É exatamente esta a opinião de Fichte e de Hegel. Neste ponto Suarez e Hegel pensam e dizem exatamente a mesma coisa: o Ser inicial deve por suas próprias forças deduzir de dentro de si suas determinações ulteriores. Cajetanus e Suarez, Fichte e Hegel perseguem, neste ponto, o mesmo ideal de deduzir pelo menos as primeiras categorias do sistema a partir do Ser inicial.

Que Fichte e Hegel tinham isso por ideal a ser realizado, por meta a ser alcançada, está fora de dúvida. Está também fora de dúvida que autores clássicos da Escolástica aristotélico-tomista bem antes deles tinham o mesmo programa. Também está fora de dúvida que nem Cajetanus, nem Suarez, nem Fichte conseguiram atingir a meta que se propunham. De Fichte aliás

¹⁸ W. KLUXEN. Verbete “Analogie” in: (J.RITTER ET ALII) *Historisches Wörterbuch der Philosophie*. Schwabe: Basel/Stuttgart, 1971, vol.1, Spalte 225.

sabemos como ele sempre de novo tentava e, em sua honestidade intelectual, verificava que não conseguia continuar a dedução. Hegel é bem mais obscuro; que eu saiba, ele nunca escreveu que a dedução das categorias da Lógica era impossível. Mas já na Filosofia do Direito, livro escrito e revisado por ele mesmo, Hegel pressupõe claramente a impossibilidade de deduzir todas as figurações da Filosofia Real; assim, por exemplo, no capítulo sobre os contratos. Volta, deste modo, a questão central deste trabalho: É possível deduzir *a priori* todas as ulteriores determinações do Ser? Pode-se ter como meta a ser perseguida uma estrutura lógica à semelhança da fundamentação da Matemática feita por Whitehead e Bertrand Russel no *Principia*?

3. Conclusões

É singular que autores tão diversos e tão espaçados no tempo tenham dado a mesmíssima resposta ao mesmo problema. Segundo os autores acima expostos é, sim, possível deduzir do Ser inicial suas ulteriores determinações. A esta resposta positiva contrapõe-se o fato inegável de que ninguém, até hoje, tenha conseguido fazer a dedução almejada. Após poucos passos, toda a construção entra em colapso e precisamos buscar “de fora” as determinações necessárias para o prosseguimento da tarefa.

Estamos, assim, na difícil situação de dizer Sim e Não ao mesmo tempo para a mesma pergunta. E esta é, realmente, a conclusão a que estamos chegando. O Sim e o Não, aparentemente opostos e excludentes, devem entrar num processo dialético em que cada um seja o negativo do outro e, desta forma, ambos se constituam mutuamente, formando uma unidade mais alta e mais nobre. Sigamos o raciocínio, por clareza, passo por passo.

1. O Ser, a primeira categoria do sistema, é um conceito que não possui nenhum conteúdo determinado e que é, assim, universalíssimo. Sua extensionalidade é máxima, sua intencionalidade parece ser mínima. A ênfase está no termo “parece”.
2. Para dar prosseguimento ao raciocínio precisamos aqui introduzir o conceito de Nada, ou seja, a negação. Esta negação, aqui introduzida, fomos buscá-la dentro ou fora do Ser? Parece que a buscamos de fora.
3. Para pôr o primeiro par de opostos em movimento, devemos pressupor que eles – e assim todo o Universo – estejam em movimento. O Ser transforma-se em Vir-a-ser e o Nada, em Deixar-de-ser. De onde tiramos o movimento, sem o qual o sistema e o Universo não se moveriam? De dentro do Ser ou de fora? Parece que de fora¹⁹.

¹⁹ C. CIRNE LIMA, *Depois de Hegel*, 19-28.

4. Poderíamos fazer semelhantes perguntas com relação à qualidade, quantidade, medida, brilho, determinações da reflexão etc. As respostas e as alternativas seriam semelhantes.

5. Voltemos ao nr. 2. O Nada, isto é a negação, vem de dentro do Ser ou de fora do Ser. Ora, o Ser possui extensionalidade máxima; fora do Ser não há nada que possamos pensar ou falar. Mas a negação, o Nada que é contraposto ao Ser, é algo que pensamos, é algo sobre o que falamos. Logo, o Nada do ponto de vista da extensionalidade também é um Ser. Assim, a negação e o Nada que se opõe ao Ser só podem estar dentro da extensão daquilo que chamamos de Ser. A negação do Ser, isto é, o Nada enquanto o oposto do Ser são determinações que estão desde sempre dentro do conceito de Ser. Assim sendo, não vêm de fora.

6. Examinando o nr. 3 e 4, chegaremos à mesma conclusão: o Devir desde sempre está dentro do Ser. Pois, se estivesse fora da extensionalidade do Ser, dele não poderíamos nem mesmo falar. O mesmo vale das categorias sob nr. 4.

7. Pelo que foi exposto e mostrado do nr. 1 ao nr. 6, as determinações ulteriores do Ser estão todas dentro do Ser. Cajetanus, Suarez, Fichte e Hegel, parece, tinham razão: as determinações estão lá dentro do Ser e, por isso, podem ser deduzidas.

8. Aqui ressurgue a questão sob outra roupagem. As determinações ulteriores do Ser caem, todas, sob a extensionalidade do conceito que é universalíssima. Todas as determinações ulteriores mencionadas sob nr. 3 e 4 caem sob a extensionalidade do Ser: *a se* é Ser, *ab alio* é Ser, *in se* é Ser, *in alio* é Ser etc. A questão agora é outra: pelo fato de cair na extensionalidade do Ser, essas determinações caem também sob sua intencionalidade? Pois deduzir tudo que cai sob a extensionalidade de um conceito, é sabidamente impossível. Por que, no caso específico do Ser, isso seria diferente? Devemos, pois, tratar da intencionalidade do Ser.

9. A extensão do conceito de Ser abarca todo o Universo e tudo que está nele. Segundo a regra geral da Lógica, quanto maior a extensão, menor é a intenção. Segue-se – ao que parece — que, tendo o Ser a extensionalidade máxima, sua intencionalidade tem que ser mínima. Ou, na linguagem de Hegel, Ser é o indeterminado totalmente vazio de conteúdo.

10. A regra válida para os conceitos unívocos, pensados em moldes aristotélicos, não vale, entretanto, para o conceito de Ser e, em geral, para conceitos dialéticos. Pois o conceito de Ser, tendo a extensionalidade máxima, tem também a intencionalidade máxima. O conceito de Ser necessariamente tem dentro de si todas suas determinações ulteriores e possui, assim, uma intencionalidade que é também máxima. A prova dessa afirmação consiste no fato de que as determinações ulteriores, se não estivessem contidas na intencionalidade do Ser, não significariam

absolutamente nada, não poderiam nem mesmo ser pensadas e faladas. Pois, o que não possui a intencionalidade de Ser é o nada; não aquele Nada que se opõe ao Ser, mas o nada que não pode nem mesmo ser pensado por não possuir nenhum significado.

11. Cair sob a extensionalidade de um conceito significa que o conceito pode ser predicado deste ente. Estar contido na intencionalidade de um conceito significa que a determinação em pauta determina internamente o significado do conceito. Ora, pelo que foi dito acima, o conceito de Ser, em oposição aos conceitos unívocos que recebem suas diferenças de fora de si mesmos, o conceito de Ser, que é análogo, quebra e regra da extensionalidade máxima e da intencionalidade mínima. Tanto sua extensionalidade como sua intencionalidade são máximas. O conceito de Ser tira suas determinações ulteriores tanto de dentro como de fora de si mesmo.

12. As determinações ulteriores do Ser vêm de dentro, como queriam Cajetanus, Suarez, Fichte e Hegel, ou vêm de fora, como querem os lógicos e a filosofia analítica? A resposta é um Sim e um Não. As determinações vêm tanto de dentro como de fora, pois estão em ambos os campos. Cajetanus, Suarez, Fichte e Hegel só viram e expressaram o Sim: as determinações vêm de dentro. Os lógicos e filósofos analíticos consideram somente o Não e afirmam: as determinações vêm de fora. Na realidade, as determinações vêm tanto de dentro como de fora. O Sim e o Não aqui, na resposta à nossa pergunta, estão conciliados e afirmam o mesmo. Isso não é absurdo, pois o Sim e o Não são predicados de aspectos diversos.

13. Resta-nos responder à questão da possibilidade de dedução das ulteriores determinações a partir de dentro do conceito de Ser. “Cair sob...” (extensionalidade) e “estar contido dentro de...” (intencionalidade) não significam que as determinações ulteriores possam ser deduzidas, como queriam Fichte e Hegel. Aliás, Cajetanus diz claramente que as determinações, que antes estavam confusamente (*confuse*) dentro do conceito de Ser, a pouco e pouco podem e devem ser explicitadas; mas isso, como se vê, não é dedução no sentido tradicional. Suarez não é tão claro, mas o “*ex vi sua*” certamente não significa dedução, pois esta pressupõe sempre um raciocínio com premissas pressupostas, que no caso do Ser não existem. Cajetanus e Suarez afirmam, sim, que o conceito de Ser contém suas determinações ulteriores, mas não afirmam que estas possam ser logicamente deduzidas deste.

14. O mesmo vale para os lógicos e representantes da Filosofia Analítica. Como dedução pressupõe sempre axiomas que antecedem logicamente o deduzido e são dele distintos, as determinações ulteriores do Ser têm que vir de fora, pelo menos de um axioma que lhes seja logicamente anterior. A postura do lógico o impede de ver a outra face da moeda. Ele diz que o Ser não contém suas determinações ulteriores

e que, por isso, estas não podem ser deduzidas e devem ser introduzidas mediante novos axiomas e postulados do sistema. Para eles, as determinações vêm, pois, de fora. Os lógicos têm razão se entendemos dedução no sentido estrito, como a passagem lógica de um ou mais axiomas para proposições deles derivadas²⁰.

15. As determinações ulteriores do ser vêm de dentro ou de fora? Tanto de dentro, por explicitação daquilo que lá dentro está contido (intencionalidade), como de fora, pela introdução de novos axiomas e postulados (extensionalidade). A resposta, como vemos, é um Sim e um Não simultâneos, embora sob aspectos diferentes. Um é o negativo do outro, e vice-versa.

16. Os lógicos compreendem dedução como a derivação de uma proposição a partir de um ou mais axiomas. Neste sentido de dedução, a resposta é **Não**. Não é possível deduzir tudo a partir do primeiro conceito ou princípio. – Os filósofos mencionados, oriundos de variadas correntes, Cajetanus, Francisco Suarez, Fichte e Hegel dizem que SIM, que é possível deduzir as proposições do sistema a partir de primeiros princípios ou conceitos. Eles têm razão se e enquanto entendem por dedução não a dedução em sentido estrito, mas a argumentação e a análise em sentido amplo de justificação filosófica. Neste caso, torna-se perfeitamente possível que certos conceitos filosóficos tenham que ser buscados *a posteriori*.

17. SIM e NÃO, como vemos, podem e devem conviver na questão de onde vêm as ulteriores determinações do Ser.

Endereço do Autor:
Rua Botafogo, 1212 - Apto. 1904
90150-052 Porto Alegre — RS
e-mail: cirne@vanet.com.br

²⁰ Em *Depois de Hegel* via de regra utilizamos o termo “dedução” no sentido estrito e expomos, assim, o mesmo ponto de vista que os lógicos. Cf. verbete “dedução” de J. SÁ ÁGUA in: (org. J. BRANQUINHO, D. MÚRCIO, N.G. GOMES) *Enciclopédia de termos lógico-filosóficos*. Martins Fontes: São Paulo, 2006, 229-238.

